



O novo aumento do preço da água

A escassez da água e o seu preço exagerado têm sido a causa de inúmeros protestos da população lisboeta. Realmente tem sido esta vítima forçada de uma exploração inadmissível. Nunca os governos tiveram coragem de meter na ordem essa Companhia que, além de fornecer a água má e pouca, chega ao exagero de cobrar a própria água que se não consome.

O público vem sofrendo há longos anos todas as extorsões limitando-se a uns protestos que não alcançaram a sorte de encontrar eco nos poderes públicos.

A Companhia, quando o público lhe pedia a água que por contrato era obrigada a fornecer-lhe, argumentava com várias razões, entre as quais sempre avultava a dos seus resumidos recursos, dando a entender que a água só apareceria quando lhe dessem mais dinheiro.

O seu firme propósito era criminoso - era forçar o povo, pela tortura da sede, a concordar com o aumento do preço da água.

E conseguiu dos poderes públicos esse aumento que se destinava a custear as obras que forneciam as instalações aptas a fornecer água em abundância à população de Lisboa. O aumento tem sido pago - mas as obras não se fizeram e a água escasseia.

Das torneiras durante o estio, e mesmo agora que as chuvas já começaram a cair impiedosamente, não pinga nem uma gota. Dos olhos do sr. Carlos Pereira, director da Companhia, é que continuaram a pingar lágrimas de corcodilo, lágrimas engonosas. E parece que o actual governo as tomou como autênticas porque, segundo umas bases que a imprensa publicou, vai elaborar-se um decreto concedendo um novo aumento no preço da água.

Mas o novo aumento não é definitivo, terá um carácter provisório, visto que se vê no futuro decreto a hipótese de ser necessário ainda aumentar o custo do precioso líquido e se estabelece uma taxa de 25 centavos a cobrar, logo que as tais obras estejam prontas.

Seria de esperar, dado o côr de protestos que se tem feito ouvir, que os poderes públicos em vez de conceder tantas facilidades monetárias a essa companhia que ao público não concede outra facilidade senão a de pagar, a obrigar a cumprir os seus compromissos e, caso falasse, desse a outra entidade - que poderia ser a Câmara - a incumbência do fornecimento da água.

A esta hora está a Companhia rindo-se de todos nós, visto que os protestos da população apenas serviram para proporcionar-lhe o enredo de ver aumentar as suas receitas.

NOTÍCIAS DO ESTRANGEIRO

A conspiração contra o governo espanhol

Diz-se que os conjurados queriam a independência da Catalunha

PARIS, 6. - Ricciotti Garibaldi, ouvido pela polícia de segurança geral, negou que tenha sido agente da polícia italiana. O ex-coronel Macia, chefe dos conspiradores separatistas catalães, declarou à polícia que os garibaldinos participam da conjura. Os fundos da conspiração foram fornecidos pelos catalães residentes nos países estrangeiros, especialmente na Argentina. O fim dos conspiradores era levantar a Catalunha espanhola com o auxílio de vários regimentos e proclamar a independência, tendo em vista uma federação republicana na península hispânica. (L.)

Outra conspiração?

LONDRES, 6. - Segundo notícias oficiais recebidas de Madrid foi ali descoberto uma nova conspiração contra o governo espanhol. (L.)

Todos contentes...

MADRIS, 6. - O governo espanhol enviou uma nota oficiosa à imprensa louvando a ação da polícia francesa na descoberta da conspiração de Perpignan. (L.)

A provável constituição da próxima Assemblea Legislativa

MADRIS, 6. - Respondendo no ABC às opiniões de várias personalidades acerca do projecto da Assemblea Nacional, o general Primo de Rivera declara, especialmente, que, tendo o governo verificado a obra útil realizada pelos conselhos e assembleias consultivas, quer contar com um organismo novo mas do mesmo gênero, de carácter geral e permanente, formada por representantes de classes escolhidas ou designadas de tal modo que a sua representação e independência sejam reais. Com este

A propósito de unidade sindical reproduz-se uma carta de Hamon aos seus camaradas socialistas, comunistas, sindicalistas e anarquistas

Anteontem, no decurso da discussão sobre a unidade sindical, no Congresso Extraordinário dos Sindicatos de Lisboa, houve congressistas que quiseram estabelecer diferença entre unidade e união. Esta maneira de pensar deve resultar da reminiscência de um artigo de Agostinho Hamon, muito interessante, publicado no número de A Batalha de 5 de Fevereiro de 1922. Por ser curioso e sem outro intuito, reproduzimos hoje o aludido artigo que neste momento talvez possa ser melhor apreciado.

Caros camaradas:

Há mais de trinta anos, que eu milito pelos meus escritos na vanguarda do proletariado socialista, sindicalista, anarquista. Permiti-me pois que a todos me dirija, como homem que ardente deseja a marcha rápida da humanidade para um estado social onde reine mais liberdade, mais igualdade e mais solidariedade que a que actualmente existe na nossa sociedade capitalista.

Pretendendo a *Unidade* socialista quer nacional, quer internacional tendes em vista um sonho irrealizável.

A *Unidade* não existe na natureza. É uma apariência, uma simples ilusão. Um organismo unitário como o ser humano por exemplo, não passa dum simples agregado de células em que todas são livres e autônomas. É uma *união* de seres independentes, e não a fusão numa *unidade* dum certo número de células. E mais ainda, cada célula é uma união de moléculas químicas e estas, *uniões* de átomos, que por seu turno se unem a unidas de outros indivíduos mais similes ainda.

Destas uniões, nascem propriedades, qualidades diferentes e variadas segundo a natureza destas uniões, mas nunca encontram-se *Unidade*, isto é, o desaparecimento de séries de indivíduos fundidos num indivíduo único.

Em todos os ramos dos conhecimentos naturais encontram-se estes fenômenos de *união* e nunca *união* de *união*. Pois a *Unidade* é uma concepção do espírito, irrealizável e irrealizável.

Se esta possa vir a realizar-se, seria com efeito o desaparecimento da diversidade, que é o principal elemento da riqueza, da grandeza e da beleza da natureza e da vida.

Se a homogeneidade chegasse a triunfar da heterogeneidade, teríamos o *status quo* em tudo e bens depressa a morte.

O progresso humano só se realiza pela tendência tão poderosa entre os homens para uma heterogeneidade incessante. E é a resultante de inúmeras experiências das mais diversificadas ordens. E estas inúmeras experiências não podem realizar-se, se não houver diversidade de vidas, de opiniões, de imaginação, se não houver o espírito de revolta contra o que existe, se não houver numa palavra o contrário da *Unidade*.

A *Unidade* é a tendência para modelar todos os indivíduos (átomos, moléculas, células, etc.) num mesmo modelo unitário. No plano humano e social tende-se *não para a igualdade* mas sim para a *identidade* de todos os homens.

Com a *Unidade* pretende-se que todos os homens vejam, sintam, pensem e actuem do mesmo modo. Oh! sei muito bem que isto nunca se realizou, a pesar do esforço *Unitário* feito pelos despotas, pelos autocráticos de todos os tempos e em qualquer situação social. E isto não se realizou porque era irrealizável. E por razões idênticas irrealizável será para o futuro.

Mas se todos os esforços são impotentes para realizar este fim, isto não impede que tais esforços sejam antes factores de paralisação do progresso humano que factores do seu movimento. Com efeito a energia gasta por estes esforços serve sómente para suscitar esforços contrários que absorvem também energias humanas. Estas energias perdidas não são utilizadas para a destruição dos males naturais e sociais.

Caros camaradas, não deveis, portanto, ter em vista a *Unidade*, quer nacional quer internacional do proletariado, mas sim a *União*. Esta faz a força. Pois só ela é a soma das forças individuais unidas. O inimigo do proletariado é o capitalismo.

Tanto o capitalismo como o proletariado não são *Unidades* reais. Só o são abstratamente, por concepção do espírito. Mas de facto, tanto um como o outro, estão unidos, cada um em seu campo, por um conjunto de interesses comuns a cada grupo.

Pensai camaradas que pela força das circunstâncias, no período actual mais ou menos rápido ou longo de transformação social, todos nós, socialistas, comunistas, sindicalistas, anarquistas somos combatentes para o mesmo fim. Não façamos Iógo uns contra os outros. Façamos todos uma *União* livre voluntária para lutar contra o capitalismo, que se debate realmente nas vassas da agonia.

Abreviemos a nossa luta pela nossa *União* em vez de a prolongarmos pelo nosso *status quo*. Proletários de todos os países uni-vos! E não, unificai-vos!

Notas & Comentários

Não está certo

Alguns jornais publicaram ontem uma nota oficiosa do ministério da Marinha-

resposta a uns panfletos clandestinos que

ora se publicam - afirmando que o dr. Pe-

tana Júnior, director das Cadeias, tinha sido

deportado com todas as comodidades para

as ilhas para conspirar e armar os presos

civis para uma revolução. O Correio da

Manhã apressou-se a reforçar a doutrina da

nota, acrescentando pormenores que ela não

continha e que são menos verdadeiros.

Entre outras parvoices, dizia que o dr. Pe-

tana Júnior era um par mandado dos pre-

ssos sociais. E' falso, absolutamente falso.

E' certo que ele não exercerá sobre os pre-

ssos violências que outros directores, que o

órgão monárquico aplaude, praticam, mas

também não é menos certo que os presos

sociais reclamaram algumas vezes contra

medidas suas e desses protestos foi eco a

Batalha. E' a mania dos monárquicos: ba-

ter nos caldos. Num homem morto não

deixe de pugnar pelos interesses do povo!

Recurso inexplicável

A época, órgão monárquico e católico,

publicava ontem um editorial que parecia

de um jornal republicano, visto que pu-

gava pela continuação do actual gover-

no, que tem feito, em todas as oportuni-

Ainda o caso da Figueira da Foz

Gomes de Almeida, director de «O Figueirense» não passa de um rolo calunador

COIMBRA, 5. - Devem os leitores de A Batalha ter seguido a série de artigos que nestas colunas tem inserido, a propósito dum nefando caso de violação dum menor, ocorrido há dois meses na Figueira da Foz, o qual continua envolto no mais duro mistério, não obstante as graves acusações feitas pela vítima, acusações que atingem dum maneira directa algumas individualidades em destaque no meio paroquial figueirense.

Limitámos-nos a traduzir a comovente mágoa da vítima e a revolta que cachão dentro do peito de seus pais, que vêem sua filha, uma menor de 16 anos, vilipendiada, sem que lhes seja permitido pedirem responsabilidades ao autor ou autores de tão repugnante acto.

Censurámos apesarmente a atitude subversiva da imprensa figueirense, quecondeu no olvido um assunto moral que devia merecer as atenções de toda a imprensa honesta, sem preocupações da posição social dos individuos sobre quem recaiam fortes suspeitas.

Nada afirmámos até a data. Como já dissemos, limitámos a nossa acção jornalística a ouvir as criaturas que mais directamente estavam ligadas a este caso.

Em face da parcialidade manifesta das autoridades figueirenses e da atitude da imprensa local, não hesitámos um momento em servirmos de intérpretes às queixas dumha humilde família de trabalhadores, a quem apenas restava esta também humilde tribuna para poder gritar ao público a tremenda injustiça e as enormes violências de que estava sendo vítima.

Não hesitámos e não nos damos por arredados.

Nós já sabíamos, de antemão, que a orientação de destas campanha devia desagradar a muitos conspicuos cavaleiros que andavam a ressuscitar moralidade, ficam raios quando lhes põem a nu as gangrenosas chagas que moralmente possuem.

Está neste caso tal sr. Gomes de Almeida, director dum folheto indecentemente redigida, que se dá pelo nome de «O Figueirense». Este cavaleiro, sentindo-se ferido nos seus brios - brios? terá sido disso? - pelas referências que lhe fizemos a propósito deste caso, referências feitas aliás com toda a correção, veio para o seu papelinho fazer um miserável *frete* não sabemos a quem e acusa a A Batalha de aproveitar este caso para fazer uma «revolteante *chantage*».

Convidámos este senhor a provar onde e em que circunstâncias o nosso jornal alguma vez tivesse usado *chantage*.

Demos-lhe o prazo de oito dias para responder.

Em vez de oito, passaram-se já quinze dias e este *ilustre ex-remendado de calcado* manteve-se mordido no mais comprometedor silêncio.

Enfrente desta sua repugnante atitude, encontramo-nos suficientemente autorizados a afirmar que Gomes de Almeida é um homem que da dignidade tem um critério bastante mesquinho, ou então não a possui quer debaixo do ponto de vista moral, quer do profissional.

Gomes de Almeida acusa e não prova. Que apôde merecer um indivíduo que se aproveita da situação de director dum jornal para enlatar a probidade daqueles que a honestidade têm uma concepção mais digna e que nunca alugaram a sua pena para servir uma causa menos justa?

Quem avaliará este trânsufo saído do povo, hoje enfeudado aos inconfessáveis interesses da camilhar explodida, os processos jornalísticos dos outros pelos que usá-las por casa?

Gomes de Almeida é, ainda, um cobardo que tem enxovalhado cínicamente, com suas tóripes insinuações, a honestidade da menor Margarida de Moura, vítima do atentado.

Ainda não é tarde para estamparmos aqui, mais completamente, o estômico moral do camilhar.

E' explicado:

- As licenças mais antigas ficavam com direito às primeiras praças e as outras licenças correspondiam às outras praças. Quere dizer: na Praça da Liberdade, que é considerada a primeira praça, só poderiam estabelecer-se aí os que se tem passado sobre a sua praça.

- As segundas, terceiras e quarta praças da Praça da Liberdade, só arrumariam os carros D, E, F. Na Brasileira, terceira praça, só arrumariam os carros G, H, I. E assim sucessivamente pelas praças Infante, que é a quarta, e Carvalho, que é a quinta.

- E quando houver alguma vaga na primeira praça não poderão arrumar os carros da segunda praça? Preguiçamos.

- Não, senhor. Pode a Praça de Lisboa estar devolto e completamente pejada de passageiros que nem nenhum dos carros que não pertençam a essa praça ali arrumarão.

- Mas isso é um contracarro!

- Mais do que isso: um absurdo. Toda-v



COMPANHIA
BERTA BIVAR — ALVES DA CUNHA

A's 21 horas: representação
do sensacional drama em 4 actos

O PARALÍTICO

peça que todos devem ir ver
para apreciar o notável trabalho do ilustre
actor

ALVES DA CUNHA

O mais artístico espectáculo
da actualidade

TEATRO AVENIDA

Teatro mais popular de Lisboa

HOJE, às 21,30 horas

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

Espectáculo sem igual em lisboa e o único
teatro que explora com éxito e agradar,
o gênero da comédia musical

O monumental «vaudeville»

O PÃO DE LO

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 h. Soirée às 8,45 h.

ÚNICO DOMINGO em que se apresentam
as grandes celebrações artísticas

ROUSSANOWA - DEMINE

ballarinos russos, que entre outros numeros
apresentarão hoje: «A morte do cíesne»

o Saint-Saëns, «A aranha e a mosca»

composition russa

ADELINA NAJERA

estrela do «couplets» sentimental

DIAVOLINA

genial ballarina espanhola

No ecrã: Peia última vez — EU PECA DORAS, 6 partes

Concerto pelo FOZ MELODY BAND

Em breve: Yette Daurigny, chanteuse francesa, e Carmen Chinchilla, ballarina

TIVOLI

Telephone N. 5474

MATINÉE ÀS 3 HORAS

SOIRÉE ÀS 9 HORAS

ÚLTIMA EXIBIÇÃO

Uma mulher de 40 anos

uma comédia com PAULINE FREDERICK, Laura La Plante e Mc. Gregor

O arabe

Comédia de aventuras com Ramon Navarro, Alice Terry e Maxuidian

Um Documentário Português

REVISTA MUNDIAL

Amanhã:

O ÚLTIMO DOS HOMENS

(«Film» sem letrinhas) com EMIL JANNINGS

DESPORTOS

Liga Operária de Desportos Atléticos

Realizam-se hoje os seguintes jogos do campeonato desta Liga:

1.ª categoria — Final da Taça Aberta —

Bola Hora contra Lusitano, às 14 horas, juiz sr. António Carvalho.

3.ª categoria — Lusitano contra Andorinha, às 9 horas na Junqueira, juiz sr. Jacinto Pereira; Sporting de Santos contra Triângulo, às 11 horas na Junqueira, juiz sr. Francisco Cercas; Batalha contra Boa Hora às 11,30 no Bom Sucesso, juiz José Maria da Silva; Rio Séco contra União Portugal às 15,30 na Junqueira, juiz José Nabais.

4.ª categoria — Batalha contra Cruzeiro às 9,30 no Bom Sucesso, juiz Arthur Pinto; Gilriteuse contra Estrela às 11 nas Saléias, juiz António Rodrigues; Boa Hora contra S. Bento às 9 horas, nas Saléias, juiz Ernesto Romão; Sporting de Santos marca pontos no União Portugal.

Operário Foot-Ball Club

Joga hoje no Campo de São Vicente, com o Portugal Foot-Ball Club, nas 4 categorias, tendo lugar os jogos respectivamente dos 3.ºs às 9 horas, dos 4.ºs às 11, dos 2.ºs às 13 e dos 1.ºs às 15 horas.

Ciclismo

Os mil metros da U. V. P.

Realiza-se hoje pelas 15 horas, no Campo Grande, junto ao chalé das Canas, a prova de arranque dos mil metros em bicicleta organizada pela U. V. P.

A VENDA a 10.ª SÉRIE

DE OS MISTÉRIOS DO PÓVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras páginas do homem até à revolução francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas \$500.

A obra mais barata que no gênero se publica

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.50, de 1 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário da Geração, de 1 de Maio sobre horários de trabalho, podendo ser pedido o qual de \$1.

Aos sindicados que desejem adquirir quantidades para si, far-se-á um desconto de 50 por cento em cada folheto.

Peçam à sede istoressa de A Batalha

TEATROS

No Apolo

A opereta «A Princesa Manequim» de Franz Arnold e Ernest Bach, música de Hugo Hirsch

Não é demais que encarecemos a bela iniciativa de Almeida Cruz, pondo no palco do Apolo, em espetáculos por sessões, operetas ligeiras, arrancadas a esse vastíssimo arquivo do gênero que em Viena e Berlim constituem um aperitivo para numerosos ouvintes.

Para Lisboa a tentativa representa um acontecimento inédito, tanto mais que o que ela conhece é o repertório chamado «grande» de Oscar Strauss, Franz Lehar, Leo Fall, que são os nomes mais cotados da opereta austro-alemã. E' curioso acenhar o papel que este gênero de teatro lírico veio desempenhar. A influência dos modernos compositores alemães no sistema de orquestrar, tinha, naturalmente, de fixar uma especialidade de teatro musicalizado, que não sendo nem a ópera «bel canto» dos velhos italianos, como Bellini, Verdi, Donizetti, etc., etc., não fosse também a composição macissa de que Wagner e Strauss só, talvez, os mais célebres representantes.

Este atitude valeu-nos algumas ameaças, indirectas é certo, mas que não nos fizeram desviar da conduta que nos impusemos e que continuámos a manter com a mesma serenidade de princípio.

De nada nos valeram as ameaças. Tanto nesse como noutras assuntas em que fustigamos as imoralidades de certos moralistas cá do burgo, nós procedemos apenas com o intuito de purificar o ambiente social, tão empastado ele anda com a balofa moral de certos cidadãos cidadãos que blasfam qualidades que estão muito longe de pos-suir.

O problema do jôgo é, talvez, um dos mais melindrosos da época que atravessamos. Aos outros da batota, tão depressa é atraido o rico como o pobre ou o remedioso. A sombra desse vício, que corrói tanto desgraçados, vive uma boa caterva de vadios encasacados que têm a petulância de passar ombro a ombro com a gente, fingindo de homens de bem.

Interrompemos por algum tempo a nossa crítica ao jôgo, pois que outros assuntos de imediato interesse reclamavam a nossa atenção. Hoje, novamente voltamos à carga, porque estamos informados de que nesta edição o jôgo está assumindo proporções escandalosas, tendo batoteiros redobrados de audácia e descarramento, confiados numa anunciação regulamentação do jôgo.

Não sabemos se alguém da governança pensa em regulamentar o vício e a imoralidade, o que aliás, se isto for certo, não nos admira, por nadar já nos poder admirar numa sociedade pervertida ate a medida. O que é certo é que se joga em Coimbra, e numa maneira como nunca se observou em regime proibitivo.

E a quem compete falar cônbro a este es-tado de coisas ou fecha os olhos compla-cente, ou não lhe sobra o tempo para com isto se preocupar, tão ocupado anda em altos e transcendentes assuntos de interesse público... — C.

Nogueira de BRITO

* * *

— O Paralítico e o público

Quando uma companhia teatral, já pelo seu trabalho, já pela peça que representa, consegue levar ao seu teatro um público que todas as noites ovaciona deliriantemente os intérpretes e a forma como está montada a peça, essa companhia pode considerar-se vencedora. E' o caso da companhia Batalha de Bivar-Alves da Cunha, que há onze noites representa no teatro Nacional o emocionante drama «O Paralítico».

Pereira Coelho, que firmou o artigo-crítico no «Diário da Tarde», dizia:

«É preciso que o público acompanhe com o seu carinho e o seu entusiasmo a iniciativa do grande actor, dando-lhe o estímulo do seu aplauso e da sua admiração, porque a obra de Alves da Cunha, dada o gênero de teatro em que ele trabalha, cheio de vibração e de linhas fortes e audaciosas, só será perfeita, colaborando a platéa com a sua fé e com a sua emoção e animando o artista para mais altas e mais perfeitas, ainda, realizações artísticas».

O público soube corresponder a este apelo e todas as noites enche a linda sala do nosso primeiro teatro de declamação.

— O Pão de Ló: aos domingos

São noites de grande encher as dos domingos no Avenida. E' velha tradição do teatro; é garantia do sucesso de «O Pão de Ló», o famoso «vaudeville» ali em cena; é o triunfo constante, permanente, da companhia Luisa Saramela e Estevalam Amarante, é, finalmente a certeza de uma noite de alegria, a ir constantemente. Daí este aviso de que esta noite se repete «O Pão de Ló», para que a concorrência atinja o máximo.

E' grande o sucesso todas as noites no São Luís dos lindos trechos da encantadora música da opereta «Maravilhas».

— No Apolo há espetáculos de opereta, em duas sessões cada noite, a preços para todas as bolsas, com a opereta «A princesa Manequim».

Tantos são os motivos de agrado que recomendam os espetáculos do Coliseu, que se torna assim inútil reclamá-los.

Os espetáculos no Foz

Estão fazendo delirar todas as tardes e todas as noites o público do Foz, os danarinos russos, Roussanowa e Demine, que apresentam admiráveis bailados, como «A morte do cíesne» e «A aranha e a mosca».

São também sempre aplaudidos os «couplets» da tonadilera Adelina Najera e os bailados de Diavolina. Todas as tardes e todas as noites há concerto para «Foz Melody Band». Hoje exibe-se pela última vez «Uma». «Pequena».

Continua obtendo um êxito como não havia memória a revista «Cabaz de Morangos» no Eden Teatro em duas sessões.

— A noite de hoje no Variedades com a revista «Saricote» vai ser de permanente entusiasmo.

Tantos são os motivos de agrado que recomendam os espetáculos do Coliseu, que se torna assim inútil reclamá-los.

Os espetáculos no Foz

Estão fazendo delirar todas as tardes e todas as noites o público do Foz, os danarinos russos, Roussanowa e Demine, que apresentam admiráveis bailados, como «A morte do cíesne» e «A aranha e a mosca».

São também sempre aplaudidos os «couplets» da tonadilera Adelina Najera e os bailados de Diavolina. Todas as tardes e todas as noites há concerto para «Foz Melody Band». Hoje exibe-se pela última vez «Uma». «Pequena».

Continua obtendo um êxito como não havia memória a revista «Cabaz de Morangos» no Eden Teatro em duas sessões.

— A noite de hoje no Variedades com a revista «Saricote» vai ser de permanente entusiasmo.

Tantos são os motivos de agrado que recomendam os espetáculos do Coliseu, que se torna assim inútil reclamá-los.

Os espetáculos no Foz

Estão fazendo delirar todas as tardes e todas as noites o público do Foz, os danarinos russos, Roussanowa e Demine, que apresentam admiráveis bailados, como «A morte do cíesne» e «A aranha e a mosca».

São também sempre aplaudidos os «couplets» da tonadilera Adelina Najera e os bailados de Diavolina. Todas as tardes e todas as noites há concerto para «Foz Melody Band». Hoje exibe-se pela última vez «Uma». «Pequena».

Continua obtendo um êxito como não havia memória a revista «Cabaz de Morangos» no Eden Teatro em duas sessões.

— A noite de hoje no Variedades com a revista «Saricote» vai ser de permanente entusiasmo.

Tantos são os motivos de agrado que recomendam os espetáculos do Coliseu, que se torna assim inútil reclamá-los.

Os espetáculos no Foz

Estão fazendo delirar todas as tardes e todas as noites o público do Foz, os danarinos russos, Roussanowa e Demine, que apresentam admiráveis bailados, como «A morte do cíesne» e «A aranha e a mosca».

São também sempre aplaudidos os «couplets» da tonadilera Adelina Najera e os bailados de Diavolina. Todas as tardes e todas as noites há concerto para «Foz Melody Band». Hoje exibe-se pela última vez «Uma». «Pequena».

Continua obtendo um êxito como não havia memória a revista «Cabaz de Morangos» no Eden Teatro em duas sessões.

— A noite de hoje no Variedades com a revista «Saricote» vai ser de permanente entusiasmo.

Tantos são os motivos de agrado que recomendam os espetáculos do Coliseu, que se torna assim inútil reclamá-los.

Os espetáculos no Foz

Estão fazendo delirar todas as tardes e todas as noites o público do Foz, os danarinos russos, Roussanowa e Demine, que apresentam admiráveis bailados, como «A morte do cíesne» e «A aranha e a mosca».

São também sempre aplaudidos os «couplets» da tonadilera Adelina Najera e os bailados de Diavolina. Todas as tardes e todas as noites há concerto para «Foz Melody Band». Hoje exibe-se pela última vez «Uma». «Pequena».

Continua obtendo um êxito como não havia memória a revista «Cabaz de Morangos» no Eden Teatro em duas sessões.

— A noite de hoje no Variedades com a revista «Saricote» vai ser de permanente entusiasmo.

CAMBIOS		
Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	9500	
Madrid cheque	259	
Paris, cheque...	63	
Suica, ...	578	
Bruxelas cheque	55	
New-York, ...	1950	
Amsterdão	7584	
Itália, cheque ...	385	
Brasil, ...	2570	
Praga, ...	585	
Suecia, cheque.	524	
Austria, cheque	287	
Berlim, ...	487	

TEATROS

Nacional.—A's 21,15.—O Paralítico.

Avenida.—A's 21.—O Pão de Ló.

Politeama.—A's 21,15.—Os filhos.

Trindade.—A's 21.—Cachos Ca.

São Luís.—A's 21.—Maravilhas (La Ca-

lesera).

Gimnásio.—A's 21 horas.—Sonho de uma

noite de Agosto.

Apollo.—A's 20,30 e 22,30 horas.—A Prin-

ceza Manequin.

Eden.—A's 20,45 e 22,45.—Cabaz de Mo-

rango.

Variedades.—A's 20,30 e 22,45.—Saracote.

Maria Vitoria.—A's 20,30 e 22,30—Pis-

tória.

Coliseu.—A's 21.—Companhia de circo.

Salão Foz.—A's 15 e às 20,30.—Varieca-

des.

Avenida Parque.—Diversões.

CINEMAS

Tivoli.—Avenida da Liberdade.

Ólimpia.—"Matinées" e "soirées".—Sa-

lão Central.—Praga dos Restauradores.

Chiado Ferrase.—Rua António Ma-

ria Cardoso.—Cinema Condé.—Ave-

nida da Liberdade.—Pathé Cinema.

Rua Francisco Sanches.—Salão Ideal.

Rua do Loreto.—Eden-Cinema.—Rua

do Alívio (Alcântara).—Cine Paris.

Rua Ferreira Borges.—Alhambra.—Par-

que Mayer. (Variedades).—Salão Lis-

boa.—(Mouraria).—Cine-Esperança.

(Rua da Esperança).—Domingos, terças,

quintas e sábados, às 20,30, Animatógrafo.

—Salão da Promotora.—A's 20 horas.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATT

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, cirurgia, e pulmões—Dr. Armando Nar-

ciso—A's 5 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.

Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10

horas.

Pele e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—II e às

5 horas.

Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff-

2 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—

5 horas.

Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 horas.

Doenças das ondas—Dr. Emílio Paiva—2 horas.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5

horas.

Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.

Câncer e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.

Raio X—Dr. Alex Saldaña—4 horas.

Análises—Dr. Gabriela Beato—4 horas.

SOCIEDADE "ESTORIL"

HORÁRIO DOS COMBOIOS

Em 8 de Novembro entra em vigor na

linha de Cascais o seguinte horário:

Cascais, Socré, partidas: 1-00, 7-20, 9-00,

10-20, 12-38, 14-15, 16-00, 17-38,

18-20, 18-54, 19-55, 21-30, 23-30.

Cascais, chegadas: 1-55, 8-20, 10-00, 11-01,

11-51, 13-33, 15-10, 17-04, 18-44, 19-17,

19-30, 20-11, 20-59, 22-25, 0-23.

Cascais, partidas: 0-45, 5-55, 7-14, 8-25,

9-04, 9-30, 10-45, 11-30, 12-55, 14-15, 15-50,

17-30, 17-30, 19-05, 20-00, 23-00.

Cascais, Socré, chegadas: 1-40, 7-01, 8-20,

9-31, 9-45, 10-30, 11-37, 12-11, 13-55, 15-07,

16-56, 18-36, 20-00, 22-55, 23-53.

Todos estes comboios fazem serviço de

bagagens e recovagens.

O número de passageiros nestes com-

bóios é limitado.

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na

barbearia de Fimmo Ferreira Pinto da Fon-

seca, na rua da República, 132.

TUDO AOS MONTES



Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima—Estatutos de 30 de Novembro d' 1894

Assembleia Geral Extraordinária dos Srs. Accionistas

Nos termos da 2^a parte do art. 31.^o e seguintes dos Estatutos desta Companhia, aprovados por Alvará, de 30 de Novembro de 1894, é convocada a Assembleia Geral Extraordinária dos Srs. Accionistas, possuidores de 100 ou mais ações, segundo os preceitos do mesmo art. 31.^o para se reunir em Lisboa, na sede social, no dia 27 de Novembro de 1926, pelas 14 horas.

ORDEM DO DIA

1. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

2. Autorizar o Conselho de Administração em negociações com o Governo para o estabelecimento do contrato de construção e exploração da linha de Rio Maior e Ramal de Peniche, nos termos do Decreto n.º 12.524, de 22 de outubro, publicado no Diário do Governo, n.º 235-B, Série A, de 1926.

3. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

4. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

5. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

6. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

7. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

8. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

9. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

10. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

11. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

12. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

13. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

14. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

15. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

16. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

17. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

18. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

19. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

20. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

21. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

22. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

23. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

24. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

25. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

26. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

27. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

28. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

29. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

30. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

31. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

32. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

33. Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da secção da Linha de Tomar à Nabreth;

A BATALHA

A Mulher no Templo

—Quem pode ignorar tão espantosas coisas, pregunta-nos o mais santo e paciente dos homens?

Ninguém é muito menos V. Eminência que, além de ter sido feito cardeal, foi por Deus escolhido para tomar conta dos rebanhos que, nestas velhas terras estremosas, cobrem o monte e o vale, retoçam campo e serra.

Conhece e avalia, portanto, as responsabilidades que lhe cabem por consentir esses ajuntamentos onde a carne se chocava e o pensamento se perturba.

Responsável mórmoramente por haver permitido que elas se realizem sob as mesmas abóbadas que cobrem o divino Cordeiro, aquele que flingou e expulsou do Templo os vendilhões, só porque ousaram ter, lá dentro, pensamentos e desejos que não eram precisamente os de amar o Senhor.

Comparai, Eminência, essa banal desculpa bíblico com o grave delito que, para Deus, hão-de representar os pensamentos e os desejos que, nesses apartos, as mundanas de que vivemos falando, fazem nascer no coração e na alma dos varões que lhe entram.

Poços são elas. Dir-me-há.

Um só que seja. Para lançar um incêndio na fácula basta. Essa lá é esta — é a mulher em frente ao homem, que ali é, quase sempre, o sacerdote. Porque é próprio, olhando-as, hão-de sentir perturbações!

Nesse momento augusto em que a mulher é tudo, em que só ela é vista e ouvida, em que só ela esbarra de encontro aos seus sentidos, quantos vigários e quantos capelões poderão dialogar como aqueles dois virtuosos franciscanos que um dia visitaram, em Queluz, essa rainha de impudicações que se chamou Carlota?

E com razão, senhor. Pois como há-de V. Eminência exigir-lhes o sentimento da pureza, se deste modo os põe sob o fogo da carne?

Só quem não teme nervos, nem sangue a latejar nas veias.

Eles têm tudo isso. E daí o pecado com que se desfiguram. Daí as abominações sem conta que sobre nós, cédo ou tarde, hão-de atraír a cólera de Deus.

Porque o templo, senhor, não é para levar a carne à incontinência, mas para a reprimir com a disciplina e a oração.

Edificou-se e abençoou-se não para dar gáudio aos corpos, mas para os macerar com jejuns, humilhar com penitências e flagellar com cíclicos.

O Templo é aquele agosto lugar onde só devem apresentar-se os corações puros ou de arrependimento confessado.

Deve ser para todos os crentes o mesmo que, para os hebreus, foi a sua Arca de Aliança — o mais santo lugar, aquele em que ninguém, nemhum mortal deve tocar sequer.

Frei Manuel de Deus, no seu tratado o Católico no Templo, põe a questão nesses precisos termos:

—Se Moisés é advertido que entre descalço aquela terra em que se lhe manifestava o Senhor por meio dum anjo; se no «santa sanctorum» do Templo da lei velha não entra senão o Sumo Sacerdote; se assim se respeitavam as figuras, que respeito se deve ao Figurado?

Nesta pregunta resumia o bom frade aquele piedoso ensinamento que Habacuc Profeta nos deixou: «O senhor está no seu santo Templo: cale-se toda a terra diante dele».

Este cale-se quer dizer: comovase e frema, na sua presença, toda a terra, como de resto, ensiná a versão siriaca do citado profeta.

David, não obstante o saber e o poder com que Deus o distinguia, quando entrava no Templo, adorava-o de rastos, a tremer. —In Timore.

Nem outra deve ser a atitude do verdadeiro pecador na presença desse Justo Juiz que tudo vê e tudo julga.

Eu bem sei que muitos devotos pensam que no Templo só estão as imagens dos santos a que foi consagrado.

E' um engano.

Sem dúvida os santos estão lá, não o querem negar. Mas com elas, e entre elas, como em rei entre os ministros, está sempre o divino Regulador de quanto existe.

Tamanha era a certeza que disso tinha S. Nilo, que nunca se esquecia de recomendar aos devotos, que da sua intervenção se socorriam, que quando entrassem num Templo fizessem de conta que entravam no céu.

Nada fazas nem digas dentro dele que pareça da terra, acrescentava o mesmo santo.

O sublime doutor, que no tempo e na virtude se chamou S. Agostinho, não hesitou em garantir-nos que «ali (no Templo) se assombraria o Céu, passaria a Terra, humilha o homem, temo o inferno e tremo o Diabo».

O próprio Céu, como V. Eminência vê, tem um tão grande respeito pelo Templo que, ao penetrar ali, fica assombrado. Por isso não admira que o Inferno tenha medo e que o Diabo trema como uma vara verde!

E com razão. Pois não é o templo, por ventura, aquele tabernáculo auguste, onde os anjos, que do céu baixam a toda a hora, vêm ter colóquios com a alma, fazendo-lhes antevers a delícias, sem fim, do Paraíso?

Duvidar disto é duvidar do próprio Deus. O já referido S. Nilo, falando doutro santo, o Bôca de Ouro, testemunha-nos que, mal él subiu ao altar, para dar comêço ao santo sacrifício, «logo do céu baixavam muitos anjos, em forma de mancebos, com estolas de admirável resplendor, os pés descalços, assistindo ao altar com grande reverência e sem moverem os olhos».

Isto mesmo confirma Abulene Leoncio que viu, junto de certo altar, um anjo a quem falou e de cuja bôca ouviu estas palavras, que recomendou a ponderação do vosso clero deserto. «Depois que este altar foi sancionado, sempre e por ordem de Deus, lhe tenho assistido».

Na verdade, o Templo é um lugar de tão sublime recolhimento que os próprios brutos são tocados, reconhecendo o Criador.

S. Boaventura afirma que uma ovelha, que tinha o padre S. Francisco, «ao entrar na igreja, sem a obrigar, dobrava, com reverência, as patinhas, e ajoelhava, pelo seu modo, diante do altar. Quando, durante a missa, se levantava o santíssimo corpo e sangue do Senhor, toda ela se humilhava e recurvava, dando balidos, como de quem desejava saudá-lo com palavras».

Mais brutos que as ovelhas são, por exemplo, os burros. Pois até esses têm respeito pelos templos, como em diversas épocas e por diversas partes se tem visto.

V. Eminência não ignora de certo que o

Para conforto da população e solução da crise de trabalho convém realizar os projectados melhoramentos da cidade.



LUTA DE CLASSES

A resistência admirável do pessoal da Companhia de Moçambique

BEIRA, 30 de Setembro. — Os fados tinham de cumprir-se. Sem que um conflito se tivesse desenhado, sem que, sequer, uma manifestação vibrante, entusiástica os grevistas tivessem efectuado, pois, receosos, se limitaram à publicação dos seus inocentes manifestos, em que o espírito patriótico sacrificava sempre os mais sagrados direitos das gentes; a-pesar-de tudo, enfim, surgiu a suspensão de garantias, o estado de sítio, a cidade guarnecida por carabinheiros brancos e pretos, em atitudes bárbaras mais parecendo estarmos assistindo a uma «represa» do consulado Sidoniano ou da Formiga Branca, do Afonso das Costas, do falecido Baptista, coronel, ou do Antônio Maria, mais conhecido pelo Alfaiatinho.

Mas, não só os animais: os próprios elementos, privados de vontade e de sentidos, sabem reconhecer e respeitar a casa do Senhor.

O já citado Fr. Manuel de Deus conta que, havendo certo rio de Itália inundado uma cidade marginal, ao chegar junto às portas do templo de São Zenão, ainda que abertas, não entrou subindo as águas a tal ponto que cobriram os montes!

Assim se conservaram até que, decrecendo as chuvas, o rio desceu com elas, sem ter feito o mais leve dano a tão piedoso lugar.

Olhai agora, reverendo pastor, e compai o zelo dessas almas, desses brutos e desses elementos, com a levianidade e incontínencia dos devotos que, desde manhã à noite, percorrem os nossos templos. E depois de terdes olhado e comparado, dizei-me se hão de sentir perturbações!

Por comparsa tem o sr. Tavares, major e ex-capitão da famigerada polícia do tacho em Lisboa.

Não deve admirar, pois, a suspensão de garantias nem todos os demais atropelos que se têm praticado e hão-de praticar-se.

A censura postal é desenfreada, sendo violadas, todas as cartas, atá as mais intimas dirigidas a nossas companheiras ou mães.

Dois comerciantes e um engenheiro grevista, sr. José Fernandes Caeiro, Dionísio Pinho e João da Camara Leme, andam acompanhados de polícias e têm passaportes na mão da polícia militar, para seguirem deportados por um ano para a Metrópole.

A lei do estado de sítio não deu resultado algum. Não há senão uma prisão e essa é a de um celebre Tavares Adão que se bem nos recordamos foi bicho da Segurança do Tacho. Parece-nos que o Tavares da polícia que o teve aí por espião lhe não convinha o homem na rua, pois podia esclarecer-lhe o passado e por isso o prendeu quando o rapazava dava uns timidos vivas à greve em frente do Palácio do governador, acompanhado de duas pessoas que até conseguiram levar para esse fim. Pode ter sido bem intencionado, mas enquanto melhores informes não obtermos a seu respeito consideraremos este indivíduo algo duvidoso.

O Diabo, pois, existe.

Existe e corre sempre, no encalço das almas. E basta que uma se desciunde, que entre num templo sem respeito, retenga em si um pensamento menos casto e logo ele a toma e empacota e despacha para esse lugar onde semperimus horror inhabitu.

Dois comerciantes e um engenheiro grevista, sr. José Fernandes Caeiro, Dionísio Pinho e João da Camara Leme, andam acompanhados de polícias e têm passaportes na mão da polícia militar, para seguirem deportados por um ano para a Metrópole.

A lei do estado de sítio não deu resultado algum. Não há senão uma prisão e essa é a de um celebre Tavares Adão que se bem nos recordamos foi bicho da Segurança do Tacho. Parece-nos que o Tavares da polícia que o teve aí por espião lhe não convinha o homem na rua, pois podia esclarecer-lhe o passado e por isso o prendeu quando o rapazava dava uns timidos vivas à greve em frente do Palácio do governador, acompanhado de duas pessoas que até conseguiram levar para esse fim. Pode ter sido bem intencionado, mas enquanto melhores informes não obtermos a seu respeito consideraremos este indivíduo algo duvidoso.

Os empregados do Banco da Beira, do celebre banco falido, não abandonaram também o trabalho mas não fazem falta, deixando-las lá estar, coitadinhos! Quasi todos têm as suas esposas e mais famílias e, primeiro que os nossos deveres morais, está o estômago da prole. Mas o diabo tece-as e não desejamos, que um dia elas se vejam na nossa situação, para não notarmos como nós estamos, a falta de solidariedade.

C. F.

O conflito mineiro na Inglaterra

Caminha-se para a solução?

LONDRES, 6.—O conselho de ministros está reunido para deliberar sobre a resposta a dar ao pedido de garantias dos principípios nacionais, ontem formulado pelos mineiros.

O governo ouviu ontem a comissão oficial do carvão sobre aquele pedido, e deu os propósitos, que expuseram o seu ponto de vista.

Nos círculos oficiais considera-se que os dirigentes mineiros fizeram agora um considerável avanço no caminho das possibilidades de solução do já longo conflito, apresentando propostas em condições de serem aceitáveis. (L.).

Um tapume a pedir poucas...

O senhor Piqueira tem um terreno na Meia Laranja. Como a propriedade, sendo privada, não se pode tornar logradouro público, o sr. Piqueira decidiu-se a ladeá-lo com um tapume. Na sua lógica de mercenário, achou melhor e mais económico que esse tapume fosse feito com quadrados de ferro.

O aeroporto do sr. Piqueira trouxe para a garotada da Meia Laranja o perigo de se despenhar subitamente, porque, não tendo «estético» tapume a menor solidez, bastaria um negligente ou inadvertido encosta para o debravar, arrastando na queda o desequilíbrio causador. Sendo a garotada a gente mais ameaçada, natural é que o momento ao sr. Piqueira se vá ao chão sob o impulso de um ciclone de pedrada. Em boa verdade — o tapume do sr. Piqueira está a pedir poucas...

Um industrial de via reduzida que explora aventure

Existe há pouco tempo na rua Gilberto Róla, 19, uma oficina metalúrgica em miniatura, conhecida pela Sociedade Metalúrgica Esperança, mas à qual melhor se chama Sociedade Metalúrgica Exploradora.

Nessa oficina trabalham cinco operários de diferentes ramos metalúrgicos, e talvez um igual número de aprendizes, cujas idades variam de 13 a 15 anos, não excedendo os seus salários a mais de dois escudos, nas oito horas, a-pesar-de alguns contarem já dois anos de casa.

Estes menores, nas horas vagas, ou quase sempre, fazem a sua aprendizagem ajudando o ferreiro nos trabalhos de força e os caldeireiros a descarvar e cravar. E, se algum dia têm a infelicidade de, nos trabalhos a bordo, deixar cair ao mar uma peça de ferro, é descontada na sua parceria fábrica a importância de sete escudos e cinco centavos, e ainda por cima suspenso temporariamente.

Quem estime deveras seus filhos deve evitá-los que caiam nas garras desse grande industrial...

Porque? porque falavam assim esses antigos padres?

Porque, a-pesar-de tudo, eram homens. E, como tais, não se esqueciam nunca de que estavam falando com mulheres, «essas burrinhas más», que a Igreja antigamente abominava.

Compare, pois, V. Eminência o que sucede agora, nesta era de progresso e comodismo, com o que sucedia nesse tempo em que o mundo, desordenado e faminto, era governado apenas pela fórmula do Verbo, e diga-me se não há razão de sobra para que os livre-pensadores reclamem as igrejas para usos cívicos...

Porque, mal V. Eminência sabe: os seus pastores procedem de tal modo com as pobres ovelhas, à sua guarda confiadas, que dir-se-ia estarmos vendo, não o levita aí, o cordeiro convertendo a alma transviada, mas o doce cordeiro com a mansa ovelhinha, batendo ambos e afagando-se juntos, na perturbante linguagem das impuras delícias.

Onde está, Cardeal, quem a possui, vendo raro o pastor, essa vara de comando e

O homem tem de deixar de ser besta de carga

A cerca do uso, ou melhor, do abuso das carroças de mão, quase sempre puxadas por garotos, aprendizes, de menor idade, concedeu o nosso camarada Manuel Maria de Sousa uma entrevista ao jornal *A Tarde*, cuja parte essencial do diálogo, nos permitimos arquivar nas nossas colunas.

—Julgámos — disse o jornalista — que esse abuso da tracção humana tinha decretado...

—Não senhor. O nosso comerciante, rude proletário, enriquecido e educado e proficiente armazém, não tem dúvida em atribuir ao seu semelhante as funções de besta de carga.

—Ora — continua o sr. Manuel Maria de Sousa — tornava-se urgente que semelhante espetáculo terminasse, numa cidade que se orgulha de possuir um movimento mecânico que, em relação às suas congêneres, ultrapassa já em número.

—Em Lisboa usava-se e abusava-se desse género de transporte, o das «carrocetas» de mão.

—Efectivamente davam-se scenas bastante deprimentes para o género humano. —Confirmámos.

—Se se davam... Uma ocasião, vi eu, pela rua da Madalena acima um homem que fazia esforços prodigiosos para deslocar 1.200 quilos de tecidos. Como não fosse capaz de tal cometimento, um «sota» que passava teve o bom coração de emprestar o seu cavalo que deu uma diantadeira ao desgraçado, até ao largo do Caldas...

—Num sorriso meio triste, meio irônico, o sr. Sousa remata:

—Edificate, não é verdade?...

Vida Sindical

Convocações

REUNEM HOJE:

Manipuladores de pão. — Pelas 18 horas, assembleia geral, à fim de se apreciar o decreto ultimamente publicado, nomeando delegados à Federação e outros assuntos de interesse colectivo.

Refinadores de açúcar. — Pelas 13 horas, a assembleia geral.

DIAS PRÓXIMOS

S. U. da C. Civil. — Conselho técnico. — Para verificação de contas referentes ao mês anterior, réunião amanhã pelas 20 horas o conselho fiscal.

Federação da Construção Civil. — Secção de propaganda no Norte. — Amanhã, pelas 21 horas, para assuntos colectivos.

Sindicatos da província

S. U. C. Civil do Pôrto. — Resolução da comissão administrativa: publicar uma nota, elucidativa para a classe, acerca da situação dos pedreiros no Rio